

A ATENÇÃO CONJUNTA E O BEBÊ CARTÓGRAFO: A COGNIÇÃO NO PLANO DOS AFETOS

Virginia Kastrup¹
Caio Herlanin²

RESUMO

O problema da atenção conjunta tem assumido um lugar importante na psicologia do desenvolvimento e nos estudos da cognição social. Para além dos estudos realizados por Jerome Bruner e Michael Tomasello, Daniel Stern trouxe valiosas contribuições ao tema, baseado em observações sobre a partilha afetiva entre a mãe e o bebê num plano pré-verbal. Neste estudo analisamos algumas destas contribuições, à luz de intercessores ligados à ecologia da atenção, à abordagem da enação e aos estudos da produção de subjetividade. A partir de Daniel Stern, Félix Guattari e Yves Citton, o bebê é descrito como um cartógrafo, na medida em que sua atenção é concentrada e aberta ao plano coletivo de forças e afetos. Articulada com os conceitos de percepção amodal, afetos de vitalidade e sintonia afetiva, a atenção conjunta surge como um modo de conhecer e estar junto com outra pessoa, colocando em evidência a dimensão cognitiva do afeto.

PALAVRAS-CHAVE: *Atenção Conjunta, Cartografia, Cognição, Afeto.*

¹ Doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP) e Professora Titular do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

JOINT ATTENTION AND THE BABY CARTOGRAPHER: COGNITION ON THE PLAN OF THE AFFECTS

ABSTRACT

The issue of joint attention has taken an important spot in the development psychology and in the social cognition studies. Beyond the studies performed by Jerome Bruner and Michael Tomasello, Daniel Stern provided valuable contributions to the subject, based on his observations of the affective sharing between mother and infant on a preverbal ground. In this study, we analyze some of these contributions, in light of intercessors from the attention ecology, the enaction approach and the subjectivity production studies. Based on Daniel Stern, Félix Guattari and Yves Citton, the infant is described as a cartographer, for as long as his attention is both concentrated and open to the collective plane of forces and affects. Linked with the concepts of amodal perception, vitality affects and affect attunement, the joint attention arises as a way of knowing and being with another person, highlighting the cognitive dimension of affect.

KEYWORDS: *Joint Attention, Cartography, Cognition, Affect.*

O problema da atenção conjunta tem uma grande abrangência nos estudos da cognição, tendo significativa relevância nas pesquisas sobre o desenvolvimento infantil, em especial aquelas realizadas com mães e bebês. O problema remonta aos estudos de Jerome Bruner e o seminal artigo *The capacity for joint visual attention in the infant* (SCAIFE; BRUNER, 1975) é uma das primeiras publicações sobre o tema. No artigo, os autores defendem que há uma crescente tendência em bebês, especialmente no final do primeiro ano de vida, de acompanharem a linha do olhar dos seus cuidadores, após estes últimos romperem o contato olho-a-olho com o bebê para observar algo presente no espaço em que ambos ocupam. Para Dunham e Moore (1995/2014), esta e as pesquisas subsequentes realizadas por Bruner e seus alunos colocaram sob nova luz os fenômenos sociais precoces, estimulando fortemente a produção teórica na área do desenvolvimento infantil.

A partir de então, muitos estudos buscaram investigar o papel dos fenômenos de atenção conjunta em certos marcos do desenvolvimento, como a aquisição da linguagem verbal. As pesquisas sobre a correlação entre atenção conjunta e aquisição da linguagem foram impulsionadas principalmente por Bruner (1975, 1981). Estudos realizados nas décadas de 70 e 80 indicaram uma correlação positiva entre o tempo que mães e bebês dedicavam a atividades envolvendo atenção conjunta e o desenvolvimento do vocabulário das crianças (AQUINO; SALOMÃO, 2009).

O estudo da atenção conjunta também teve grande impacto no domínio dos estudos da chamada cognição social. Tal domínio é complexo e heterogêneo, mas é forte sua vinculação à teoria da mente, ou seja, aos “estudos que investigam a habilidade infantil de compreender e prever o comportamento próprio e alheio por meio da atribuição de estados mentais” (SILVA; RODRIGUES; SILVEIRA, 2012, p.151).³

Michael Tomasello adota a ideia de uma teoria de mente, mas não considera que seu surgimento seja a principal conquista do desenvolvimento sociocognitivo. Seu artigo *Joint attention as social cognition* (TOMASELLO, 1995/2014) dá um primeiro passo no sentido do questionamento de um suposto mentalismo, que até então

3 A vinculação direta dos dois campos não é, entretanto, um consenso, como atestam os estudos realizados a partir abordagem enativa da cognição social. Cf. De Jaegher; Di Paolo, 2007; Froese, 2012.

predominava na investigação da atenção conjunta. O papel causal atribuído à teoria da mente e sua principal evidência – atribuição de crenças a si mesmo e a outras pessoas e reconhecimento de falsas crenças – acabou por subsumir outros fenômenos sociais que antecedem esta conquista, reduzindo-os a “precursores da teoria da mente”⁴. Tomasello et al. (2005) afirmam que embora a compreensão de crenças seja o ápice da leitura de mentes, a compreensão de intenções é o seu fundamento. A compreensão de intenções fornece uma matriz interpretativa, a partir da qual os comportamentos alheios podem ser lidos, além de possibilitar aprendizados e engajamentos culturais que são próprios dos humanos. A ênfase nas ações intencionais marca o enfoque de Tomasello, que sublinha a importância da atenção conjunta para a cognição social.

Tomasello aproxima-se de Bruner ao ligar os fenômenos de atenção conjunta ao processo de aquisição de linguagem em bebês e sua entrada na cultura. No entanto, para Bruner a aquisição da linguagem ocupa o centro da discussão, dando sentido e direção para a atenção conjunta. Já para Tomasello, é a intencionalidade que se encontra no centro da análise. A atenção conjunta ganha o sentido de intencionalidade compartilhada e a própria aquisição da linguagem dependeria da compreensão prévia sobre intencionalidade. Em resumo, sua ideia é que as pessoas são, antes de tudo, agentes intencionais.

Para além dos estudos realizados por Bruner e Tomasello, Daniel Stern trouxe valiosas contribuições à psicologia do desenvolvimento graças a suas refinadas observações de mães e bebês. Apesar de não ter a atenção conjunta como um tema específico de pesquisa, ela comparece de forma indireta ao longo de sua obra. Sua contribuição no que tange à atenção conjunta advém de sua discussão sobre a comunicação no plano pré-verbal. Segundo Stern, os fenômenos de comunicação podem ser entendidos como linguísticos ou afetivos, mas sua posição é claramente em favor do afeto. Segue a citação de uma passagem:

⁴ Dentre estes, o autor destaca os episódios de atenção conjunta que ocorrem por volta do final do primeiro ano de vida. Nesta idade haveria uma mudança tão drástica na maneira como as crianças passam a entender outras pessoas quanto aquela que ocorre aos 4 anos de idade. Aos 4 anos elas passam a entender os outros como agentes *mentais* com seus próprios pensamentos e crenças acerca da realidade, mas com 1 ano elas já começam a entender os outros como agentes *intencionais*, a partir dos seus objetivos concretos e das atividades sensorio-motoras e atencionais realizadas para alcançá-los. Tomasello ressalta a importância de tratar essas duas mudanças como eventos distintos, embora relacionados.

Demos (1980, 1982a), Thoman e Acebo (1983), Tronick (1979), assim como outros psicanalistas, propõem que, cedo na vida, os afetos são tanto o *meio* primário como o *assunto* primário da comunicação. Isso está de acordo com nossas observações. E dos nove aos doze meses, quando o bebê começou a compartilhar ações e intenções com relação a objetos e a trocar proposições de forma pré-linguística, a troca afetiva ainda é o modo e a substância predominantes das comunicações com a mãe. É por essa razão que o compartilhar os estados afetivos merece uma ênfase primária em nossa visão do bebê dessa idade. (...) o bebê que está aprendendo o modo discursivo parece ser bem mais perito no domínio da troca de afeto. (STERN, 1985/1992, p. 118)

O que marca a singularidade das análises de Stern é a ênfase na dimensão afetiva da experiência. Ao descrever um bebê sempre atento aos afetos e conectado ao mundo por meio da experiência multissensorial, Stern fornece novas ferramentas para pensar a atenção conjunta para além do mentalismo. Neste estudo analisamos algumas destas contribuições, à luz de intercessores ligados à ecologia da atenção, à abordagem da enação e aos estudos da produção de subjetividade. A partir de Daniel Stern, Félix Guattari e Yves Citton, o bebê é descrito como um cartógrafo na medida em que sua atenção é concentrada e aberta ao plano coletivo de forças e afetos. Articulada com os conceitos de percepção amodal, afetos de vitalidade e sintonia afetiva, a atenção conjunta surge como um modo de conhecer e estar com outra pessoa, colocando em evidência a dimensão cognitiva do afeto.

Cabe sublinhar que o método da cartografia foi concebido por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) e desenvolvido por Suely Rolnik (GUATTARI; ROLNIK, 1986; ROLNIK, 2006). Distinto de métodos de pesquisa que se baseiam na aplicação de regras predefinidas, a prática da cartografia é orientada por pistas (PASSOS; KASTRUP; ESCOSSIA, 2009; PASSOS, KASTRUP; TEDESCO, 2014). A cartografia não consiste em representar objetos, mas em acompanhar processos. Não visa solucionar problemas previamente colocados, mas ser capaz de colocar problemas, de abrir espaço para a experiência de problematização.

Dentre as pistas para a prática da cartografia, destaca-se pista da atenção (KASTRUP, 2009). A atenção do cartógrafo é definida como concentrada e, ao mesmo tempo, aberta. Ela tem como diretriz o plano coletivo de forças e afetos, que é desconsiderado pelo cognitivismo intelectualista e pelos métodos de pesquisa tradicionais, que colocam ênfase na relação sujeito-objeto. Numa outra direção, a cartografia está atenta à constante produção e dinâmica das formas. Formas de objetos e sujeitos coexistem com o plano coletivo das forças moventes que os produzem

(ESCÓSSIA; TEDESCO, 2014). A atenção do cartógrafo possui um lugar estratégico nas pesquisas de campo, na medida em que ela acompanha o movimento dos processos de produção da objetividade e da subjetividade. Em seus gestos principais, ela primeiramente rastreia o território até que seja tocada, afetada pelo que coloca problema: intensidades, enigmas e pontas soltas. Ela se abre à experiência de problematização e pausa no movimento. Pousar na dimensão movente da experiência de problematização é interromper os esquemas da reconhecimento. É também sustentar a problematização. Tais gestos da atenção cartográfica falam de uma percepção não distanciada, próxima e caracterizada pela reciprocidade – tocar/ser tocado. Colocado o problema, novos gestos traçam os circuitos inventivos do reconhecimento atento, que buscam produzir sentido para o que coloca problema e força a pensar (KASTRUP, 2009). A atividade intelectual tem então seu lugar, mas isso ocorre após sermos tocados pela força intensiva dos afetos.

No presente texto procuramos ampliar tal discussão, tratando diretamente do problema da atenção conjunta, aqui entendida como operando por complexas conexões no plano coletivo de forças e analisada em seu papel na construção do conhecimento pelo caminho dos afetos⁵.

A ATENÇÃO CARTOGRÁFICA DE UM BEBÊ MULTISSENSORIAL

Em *Diário de um bebê* (1990/1991), livro dirigido a leitores não especialistas, como mães, pais e cuidadores, Stern descreve sempre um bebê atento. Já com 6 semanas de vida, ele é atraído e fascinado por um raio de sol que se projeta na parede do quarto. A atenção ao raio de sol, descrita como obrigatória, indica que o bebê não vive mergulhado num devaneio vago. Também atraem sua atenção as grades do berço, com formas retas, alongadas, finas e bem definidas, com caráter nítido e ritmo sequencial. Sua harmonia rápida, regular e simples contrasta com a cadência mais lenta da parede de fundo. O ritmo é apresentado como uma propriedade perceptiva

⁵Abordamos indiretamente o problema da atenção conjunta ao tratar da pista do plano comum (KASTRUP; PASSOS, 2014) e da pista da confiança (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2014).

amodal, no sentido em que não é exclusivo da visão, mas está presente em outros sentidos, como a audição e o tato.

A percepção amodal é discutida em *O Mundo Interpessoal do Bebê* (1985/1992), servindo para explicar o problema da formação da unidade perceptual, isto é, o problema de como integramos as diferentes modalidades sensoriais na percepção de um objeto. A percepção amodal é a capacidade “de tomar a informação recebida em uma modalidade sensorial e de alguma maneira traduzi-la para uma outra modalidade sensorial” (STERN, 1985/1992, p.45). Segundo o autor, ela resulta da experiência perceptiva direta. A percepção amodal funciona como uma espécie de base ou fundo da experiência perceptiva. Toda aprendizagem envolvendo as modalidades sensoriais específicas e suas relações lhe é posterior. A percepção em sua dimensão amodal não se dá por meio da visão, audição ou toque, mas sim, por meio de intensidades, formas e padrões temporais, passíveis de serem extraídos de qualquer modalidade sensorial. As transferências modais cruzadas, ou seja, entre os sentidos, são possíveis graças às propriedades amodais que todos eles compartilham.

O bebê de Stern é multissensorial. A visão não está no comando da cognição, ou seja, não assume o estatuto de processo perceptivo dominante, hegemônico e sobrecodificador que se tornará mais tarde. O bebê percebe não apenas qualidades apreendidas por um sentido específico – como é o caso da cor, para a visão – mas é sensível a qualidades amodais como o ritmo, a intensidade e a velocidade, que atravessam diferentes sentidos. Cabe ressaltar que percepção modal e percepção amodal são duas dimensões que coexistem na mesma experiência.

A atenção do bebê é cartográfica no sentido em que percorre o plano movente de intensidades, forças e afetos de maneira concentrada e aberta, passando permanentemente por modulações e sendo pouco aderente a um foco estável. As intensidades e os ritmos têm um papel preponderante na propensão e na direção da atenção do bebê, o que faz com que sua atenção seja, sob este aspecto, semelhante àquela buscada pelo pesquisador cartógrafo adulto.

Em diversas passagens de *Diário de um bebê*, Stern (1990/1991) busca reconstituir momentos corriqueiros, além de algumas experiências intensivas que são apresentadas como marcos, grandes ou pequenos, dos primeiros anos de vida. Ele o faz buscando narrar, de dentro da experiência do bebê, episódios prototípicos do

início da infância. O próprio autor assume a dificuldade desta empreitada e reconhece nela uma necessidade de invenção que, no caso, é a invenção de um novo modo de escrever, utilizando uma linguagem mais poética. Esta linguagem busca evidenciar o caráter multissensorial da experiência do bebê. Nos trechos abaixo, Stern descreve a experiência da fome por volta das 6 semanas de idade, dando a este episódio o nome de “Tempestade de fome”:

Uma tempestade ameaça irromper. A luz torna-se metálica. A marcha das nuvens no céu rompe-se. Pedacos do céu voam em diferentes direções. O vento ganha força, em silêncio. Existem sons inquietos, mas nenhum movimento. (...) O mundo está desintegrando-se. (...) A inquietação cresce. Espalha-se a partir do centro e se transforma em dor. É no próprio centro que se fortalece e se transforma em ondas pulsantes. As ondas pulsantes crescem para dominar toda a tempestade. O mundo todo está uivando. Tudo explode e é arremessado e então desaba e precipita-se de volta em um nó de agonia que não pode durar – mas dura. (1990/1991, p.36-37)

Mais à frente, é descrita a chegada tranquilizadora da mãe:

De repente o mundo é envolvido por algo. Torna-se menor, mais lento e mais agradável. (...) Tudo está mudando. (...) Em algum lugar, entre os limites e o próprio centro da tempestade, há uma atração, uma organização das coisas. Dois ímãs atraem-se mutuamente, depois se tocam e se prendem num abraço. (...) O novo ritmo muda para uma cadência calma e suave. (...) Tudo é refeito. Um mundo diferente está despertando. A tempestade passou. (p. 40-41)

Nas descrições acima destacam-se referências às múltiplas modalidades sensoriais. A visão não está numa posição hegemônica, mas posicionada ao lado dos demais sentidos. Todos estão presentes na experiência de fome de um bebê de 6 semanas de idade. Sem procurar atribuir um papel específico a cada sentido, Stern parece dar maior destaque aos atravessamentos⁶ no plano das intensidades - “O vento ganha força, em silêncio” - e aos elementos amodais, que não pertencem a um sentido específico - “Tudo explode e é arremessado”, “O novo ritmo muda para uma cadência calma e suave”.

A introdução da experiência multissensorial do bebê realizada por meio do conceito de percepção amodal abre caminho para problematizar a concepção dualista mãe-bebê da atenção conjunta. Isto pode ser melhor entendido quando analisamos

⁶ A importância conferida ao atravessamento de sentidos faz com que Claire Petitmengin (2007), na esteira de Stern, proponha a ideia de uma dimensão transmodal da experiência vivida, referida como fonte do pensamento.

como a ideia de “outro” comparece na teoria de Daniel Stern, sublinhando os hibridismos do autor.

ATENÇÃO CONJUNTA E INTERSUBJETIVIDADE: TRAÇOS DE UM MENTALISMO INDIVIDUALISTA

Uma das teses centrais de Daniel Stern é que não há, no desenvolvimento humano, um momento de total indiferenciação entre o eu e o outro. Há, desde sempre, a experiência do outro. Para Stern o bebê não seria levado a um processo progressivo de separação da mãe. Ao contrário, uma das principais tarefas do bebê é criar laços, expandindo sua habilidade de se relacionar com outros. Isto lança uma nova luz sobre os fenômenos interpessoais em geral e também sobre a atenção conjunta, que é entendida como um indicador da interação com o outro. Cabe sublinhar também que a atenção conjunta não é característica de uma determinada etapa do desenvolvimento, mas continua a existir até a idade adulta, embora muitas vezes seja inibida pelas trocas verbais, quando estas assumem, pouco a pouco, papel preponderante na comunicação social.

Segundo Stern (1985/1992), um salto de desenvolvimento ocorre em torno dos 9 meses, quando o bebê faz duas descobertas. A primeira é que ele teria suas próprias paisagens mentais, que não seriam visíveis aos outros. A segunda é que seria possível compartilhar suas paisagens mentais com outras pessoas. O que Stern denomina paisagem mental são intenções, desejos, sentimentos, pensamentos e recordações. Stern refere-se a este momento como comportando uma “mudança do centro de gravidade”, que passa de eventos físicos, comportamentais e manifestos para eventos subjetivos e encobertos.

A obra de Stern assume às vezes uma linguagem mentalista e a teoria da mente se faz presente em algumas de suas primeiras formulações. No caso da atenção conjunta, ela é referida como ajustando as paisagens mentais do bebê e do outro, no intuito de checar se há ou não compartilhamento. Todavia, cabe analisar mais de perto o sentido da afirmação de que o bebê cria uma teoria das mentes separadas, ou simplesmente uma teoria da mente. Será que para Stern a atenção é realmente deslocada do mundo exterior, do comportamento manifesto e dos movimentos físicos

dos rostos, por exemplo, para o mundo interno e subjetivo das representações mentais? Ora, quando Stern (1990/1991, p.91) afirma que “são as mesmas forças que dirigem, simultaneamente, os movimentos faciais e a dança do sentimento subjetivo”, podemos perceber que a paisagem mental a que ele se refere não é um teatro de representações estáveis. O mundo externo e a paisagem mental são campos de forças em movimento. A atenção é atraída por movimentos invisíveis e sutis dos afetos presentes tanto no mundo externo quanto interno. Este modo de compreender sua contribuição não elimina a novidade do surgimento da paisagem mental, mas aponta que interioridade e exterioridade são constituídas das mesmas forças moventes.

O conceito de intersubjetividade é amplamente utilizado por Stern, o que nos leva a perguntar se seu pensamento estaria pautado na dicotomia individualista sujeito-sujeito. Brazão e Rauter (2014) consideram que uma das contribuições do conceito de intersubjetividade é fornecer uma abordagem positiva dos estágios iniciais do desenvolvimento infantil anteriores à entrada na linguagem. Ações, afetos, sensações e elementos contextuais diversos ganham uma formulação positiva, bem como o “sentir com”, estado subjetivo experimentado como comum ou coletivo, envolvendo ao menos duas pessoas. A própria mãe faz parte de tal coletivo percebido pela criança. No limite, o conceito de intersubjetividade de Stern evoca a ideia de um plano infrasubjetivo, que evoca o plano coletivo de forças e afetos concebido por Deleuze e Guattari. O coletivo não é apenas o mundo social, mas um plano a partir do qual ocorrem os processos de individuação do bebê.

Em *O Momento Presente na Psicoterapia e na Vida Cotidiana* (2004/2007), o próprio Stern complexifica a ideia de intersubjetividade com a formulação do conceito de *matriz intersubjetiva*. Em primeiro lugar, procura deixar claro que já não é mais possível sustentar uma psicologia de uma só pessoa, baseada em fenômenos puramente intrapsíquicos. Já aí ele parece se desvincular das abordagens individualistas da subjetividade. Para ele, deve-se ir além, inclusive, de uma psicologia de duas pessoas, pois já não se pode mais reduzir a intersubjetividade a “uma espécie de epifenômeno que aparece ocasionalmente quando duas mentes separadas e independentes interagem” (STERN, 2004/2007, p. 99). A intersubjetividade, tomada aqui como intersubjetividade primária, passa a ser concebida como uma matriz na qual todos são inseridos desde o nascimento e onde a vida mental de cada um é sempre cocriada em um diálogo contínuo com o outro:

Não somos mais os únicos donos, mestres e guardiões de nossa subjetividade. (...). Vivemos cercados por intenções, sentimentos e pensamentos dos outros que interagem com os nossos, de modo que a distinção entre o que é nosso e o que pertence aos outros começa a ceder. Nossas intenções são modificadas ou nascem no diálogo com as intenções sentidas dos outros. E nossos pensamentos são cocriados em diálogo, ainda que num diálogo com nós mesmos. (STERN, 2004/2007, p. 99)

Há ainda outro ponto a ser destacado em seu conceito original de intersubjetividade. Se na primeira edição de *O Mundo Interpessoal do Bebê* a intersubjetividade era um advento mais tardio, entre os 7 e 9 meses, dependendo da “descoberta” das mentes por parte do bebê, em *O momento presente na psicoterapia e na vida cotidiana* ela é uma realidade com a qual o bebê se depara desde o nascimento, quando já está colocada sua participação na matriz intersubjetiva. Ainda assim, Stern defende haver uma diferença de qualidade entre duas experiências diferentes de intersubjetividade. Inspirado pela classificação criada por Trevarthen e Hubley (1978 apud Stern, 2004/2007, p.105), acredita haver suficientes evidências de que há uma intersubjetividade primária, que está presente desde o nascimento, e uma intersubjetividade secundária, que surge em torno dos 9 meses, que é a que tem sido habitualmente estudada pelos teóricos da atenção conjunta.

Ao longo do desenvolvimento, a sincronia de movimentos e a imitação precoce de expressões faciais dá indícios de que a atenção conjunta já comparece na intersubjetividade primária. Para Stern (2004/2007), desde o nascimento, os bebês possuem uma fina detecção de correspondências de velocidades, intensidades e dinâmicas da forma entre o próprio comportamento e o comportamento dos outros. É a percepção atenta a tal dimensão da experiência que define o bebê cartógrafo.

ECOLOGIA DA ATENÇÃO, ATENÇÃO CONJUNTA E ATENÇÃO CARTOGRÁFICA

Yves Citton (2014) pensa uma ecologia da atenção inspirado nas ideias de Félix Guattari e Gilbert Simondon. Recusa o modelo individualista e aponta que nunca estamos sozinhos quando mobilizamos nossa atenção ou prestamos atenção a alguma coisa. A atenção é sempre constituída por vetores heterogêneos e coletivos – materiais, midiáticos, tecnológicos, políticos, econômicos e estéticos. Colocar o problema da atenção como o de um sujeito que presta atenção a um objeto ou situação

é algo limitado e mesmo equivocado. A atenção não cabe no modelo representacional, que coloca em relação duas realidades ou polos pré-existentes: o sujeito e o objeto. Ao invés de concebê-la como um processo individual, Citton coloca o problema da potência individuante da atenção e de sua participação nos processos de subjetivação.

Quando Gilbert Simondon (1964, 2007) coloca o problema da individuação, não visa apenas reconhecer a existência de um processo de formação e transformação que ocorre no tempo cronológico do desenvolvimento. A proposta metodológica de Simondon é reverter o modo de pensar: ao invés de partir da ontologia das formas individuais, partir da ontologia do pré-individual para, então, entender os processos de individuação das formas. É ainda considerar a coexistência, a defasagem e a tensão permanente entre a dimensão pré-individual e a dimensão individuada, que assegura a continuidade do processo de individuação.

Diferente de Stern, Bruner, Tomasello e da maioria dos teóricos, Citton aborda o fenômeno da atenção conjunta no mundo adulto. Segundo Citton, a atenção conjunta ocorre em situação de co-presença, tendo como características a reciprocidade, o esforço de sintonia afetiva e as práticas de improvisação. A atenção conjunta requer a co-presença, ou seja, a atenção do outro afeta a orientação de minha própria atenção e vice-versa. É uma atenção presencial e em tempo real, que envolve um número limitado de pessoas, como acontece em sala de aula, espetáculos artísticos ao vivo, jogos, esportes coletivos e encontros diversos. Nesta medida, ela não está presente em situações de difusão midiática e nas redes sociais. A grande mídia e as redes sociais produzem inúmeros efeitos no direcionamento da atenção, tendo grande eficácia na produção de práticas hegemônicas de consumo de produtos e na circulação de informações. Todavia, a atenção conjunta é um fenômeno presencial e local, com reduzido número de participantes que se afetam mutuamente. Ela possui como uma de suas características a reciprocidade – a atenção circula de modo bidirecional entre as partes envolvidas. De acordo com a diferenciação proposta por Vilém Flusser entre o sistema rádio unidirecional e o sistema rede de relações complexas e em todas as direções, a atenção conjunta é comparada ao sistema rede. Outra característica é o esforço de sintonia afetiva. Por exemplo, durante uma conversação há um trabalho permanente de ajustamento recíproco entre a fala de um e a escuta do outro. Por outro lado, não somos verdadeiramente atentos a alguém sem sermos atentos ao seu olhar. Micro-gestos de simpatia, encorajamento, precaução ou acolhimento são percebidos

nos encontros, criando uma atmosfera de ressonância afetiva. Como última característica, a atenção conjunta ocorre no contexto de práticas de improvisação. Estar atento à atenção do outro é operar fora das rotinas e dos automatismos cognitivos, abrindo-se à imprevisibilidade dos encontros e mesmo ao risco.

Podemos avançar no entendimento das características enumeradas por Citton evocando os estudos de Stern sobre a relação mãe-bebê. Tomando tal relação como um campo privilegiado, Stern colocou ênfase no estudo das diversas experiências de estar-com-um outro que se dão nos primórdios da vida. Tais experiências são elucidadas pelo conceito de percepção amodal, bem como pelos de afetos de vitalidade e de sintonia afetiva.

Leitor da obra de Daniel Stern, Guattari localiza os afetos de vitalidade no plano coletivo de forças e, na contramão das abordagens centradas na linguagem, reconhece a importância capital da participação da experiência pré-verbal na produção da subjetividade do bebê (GUATTARI, 1992; PEIXOTO JUNIOR; ARÁN, 2011, RAUTER; BRAZÃO, 2014). Quer falemos de objetos, de subjetividades ou da experiência, devemos levar em conta que eles possuem dois planos: o das formas e o das forças (GUATTARI; ROLNIK, 1986). Lembrando com Escóssia e Tedesco (2009) que a cartografia é um método de investigação que visa o acompanhamento de processos que ocorrem no plano coletivo de forças, em permanente tensão com as formas constituídas, o bebê é cartógrafo na medida em que tem sua atenção concentrada neste plano coletivo de afetos e forças moventes. É neste plano que sua cognição opera e é considerando tal plano de conexões que o conceito de atenção conjunta assume um novo sentido e um alcance inusitado.

UMA ATENÇÃO CONJUNTA QUE CONECTA CORPOS COGNITIVOS

Em suas duas últimas obras, Stern (2007, 2010) assume sua proximidade em relação às abordagens de cognição incorporada, como a enação e a pragmática fenomenológica. Afirma: “Atualmente pensamos antes em termos de ‘encarnação’, ‘mente encarnada’ (Varela, Thompson & Rosch, 1991) ” (STERN, 2010, p. 21). Nesse momento, evidencia-se um claro deslocamento em relação ao mentalismo, sendo reconhecido que a cognição não está dentro da cabeça. O conhecimento não é

representação, mas ação, e todo o corpo é cognitivo. Cada célula do nosso corpo é um sistema cognitivo minimal. A abordagem da enação tem como pressuposto epistemológico a recusa ao modelo da representação, que consiste em conceber o conhecimento como uma relação entre o sujeito e o objeto, entre o si e o mundo, que teriam o estatuto de polos preexistentes. Em seu lugar, Varela propõe o co-engendramento de si e do mundo a partir de práticas cognitivas concretas.

Cabe lembrar que, em suas críticas ao cognitivismo computacional, Varela (s.d, p.45) propõe que o modelo do perito seja substituído pelo modelo do bebê. Em seus primórdios, as pesquisas cognitivistas tomaram como referência máquinas com *performances* de peritos, como o clássico jogador de xadrez. Varela, por sua vez, indica que a inteligência mais profunda e fundamental é a do bebê, que é capaz de perceber objetos significantes a partir de fluxos de luz e aprender a falar a partir de um fluxo cotidiano de palavras dispersas. O grande desafio das ciências da cognição passa a ser a criança que aprende a perceber, falar e andar, habilidades que requerem a percepção de uma quantidade ilimitada de fluxos e conhecimentos que não cabem no conta-gotas do processamento linear de informações.

No contexto da abordagem da enação, a mente é um efeito emergente da ação e dos esquemas sensório-motores. Isto pode ser dito para a mente do bebê e para a mente materna. Com Varela, poderíamos falar também no co-engendramento e na co-emergência da mãe e do bebê, que passam da condição de polos individuais pré-existentes para a condição de efeitos das ações conjuntas de conhecer, viver e estar-com-o-outro. As ações conjuntas, moduladas pela atenção conjunta, colocam em acoplamento os corpos da mãe e do bebê. O acoplamento mãe-bebê é pensado nas mesmas bases do acoplamento com o meio ambiente. Citamos Varela (1989, p.191): “A unidade e o meio são acoplados em certos pontos. Existe uma superfície de acoplamento onde se cruzam as influências mútuas, mas essa superfície de acoplamento não é toda a unidade, ela não constitui senão uma ou alguma das dimensões”. Cabe notar que o acoplamento resulta em invenções mútuas. O acoplamento é com o meio e não ao meio, sendo sempre parcial e temporário. Não há acoplamento definitivo, que estancaria o processo inventivo. Em outras palavras, acoplamento não é adaptação ao meio, ou mera acomodação passiva, mas composição ativa e invenção recíproca. Neste caso, o bebê não se adapta à mãe, nem tampouco é instruído por ela, que ocuparia o lugar de transmissão de saber. Ambos são

constituídos por acoplamentos corporais, ou seja, por trocas locais e não totalizantes, marcadas por uma complexa reciprocidade.

Não cabe dizer que o bebê presta atenção à mãe e a mãe presta atenção ao bebê, como dois seres em processo interação simples e biunívoca. A reciprocidade aqui é complexa, na medida em que corpos atentos são conectados no plano das forças pré-individuais. O corpo cognitivo não é uma totalidade, mas uma rede de processos. Falar de corpos em conexão é falar de forças que se articulam por meio da atenção conjunta. No exemplo do bebê faminto que é atendido pela mãe, a atenção de ambos segue variações contínuas e sutis modulações não só de seus rostos, mas também de seus corpos. A atenção acompanha os olhares, o levantar das sobrancelhas e os movimentos expressivos da boca e das bochechas, que vão do riso ao choro, bem como as modulações da voz. Mas ela se estende também aos movimentos do pescoço, dos ombros, dos braços, das mãos, do tronco e de todo o corpo, sem deixar de fora a atenção ao ritmo da respiração e aos batimentos do coração. Enfim, são corpos em conexão, em acoplamento direto, sem a mediação da representação. O acoplamento se dá menos pelos movimentos físicos e mais pelos movimentos intensivos dos afetos de vitalidade, menos como adaptação unilateral e mais como esforço de sintonia afetiva. Sempre permeados pela improvisação e por uma atenção ao mesmo tempo concentrada e aberta, tais encontros abrem processos de subjetivação recíprocos e imprevisíveis. Fundado em ações concretas, que aqui são práticas de improvisação, trata-se de um mecanismo de co-engendramento da mãe e do bebê.

Cabe notar que com apoio na abordagem da cognição incorporada e com a proposição de uma intersubjetividade primária, torna-se possível conceber modalidades precoces de atenção conjunta como a troca de olhares e o estudo dos rostos.

A DIMENSÃO COGNITIVA DOS AFETOS DE VITALIDADE

Stern elabora os conceitos de afetos de vitalidade e de sintonia afetiva para dar conta da vida afetiva em seus primórdios. Os afetos de vitalidade remetem ao aspecto dinâmico da afetividade, àquilo que não pode ser reduzido às categorias tradicionais do afeto como raiva, alegria, tristeza, etc. Eles são melhor descritos por termos como

“surgindo”, “passando rapidamente”, “explosivos”, remetendo sempre a propriedades também amodais da experiência, como ritmo, velocidade e intensidade. Os afetos de vitalidade são responsáveis pela dimensão de estilo que cada comportamento possui e é através deles que o bebê, basicamente, experimenta a si mesmo e aos outros nos seus primeiros meses de vida (STERN, 1985/1992).

O episódio “Tempestade de fome”, narrado anteriormente, é um exemplo bastante característico do que é ter uma experiência permeada de afetos de vitalidade. O episódio descreve a chegada da mãe e um esforço de sintonia afetiva. Este é um processo de conexão dos afetos de vitalidade entre a mãe e o bebê, fundamental para a compreensão do papel da atenção conjunta nos processos de produção de subjetividade. Não é uma conexão dada e garantida, mas que requer esforço para que a sintonia aconteça e se mantenha no contexto de uma dinâmica afetiva permeada por variações sutis.

Sobre o despertar da atenção conjunta, é curiosa a descrição dos esforços do pai para que o bebê recém-nascido olhe em seus olhos, cruze o olhar com ele, “olho no olho”. No entanto, o bebê pode resistir, estando mais interessado em pousar seu olhar, por exemplo, na linha nítida que separa o cabelo escuro do pai e sua pele clara. Cada sentido responde a certos padrões de ativação e mobiliza a atenção dita obrigatória neste momento da vida do bebê. O olhar é capturado por linhas curvas, dando mais atenção à moldura do rosto do que ao que se passa em seu interior. Neste caso, os esforços do pai são inúteis para estabelecer uma atenção conjunta.

Entre dois e três meses surgem os primeiros sorrisos sociais, vocalizações e contatos “olho no olho”. São algumas das primeiras experiências do “estar-com-um-outro”. Nas palavras de Stern, a partir daí o bebê passa longos períodos estudando rostos, atento às sutilezas das expressões faciais. Por toda sua vida o bebê terá no rosto a melhor superfície de leitura dos sentimentos e intenções dos outros. O interesse anterior pela moldura dá então lugar ao interesse pelos movimentos que ocorrem em seu interior, dos mais evidentes aos mais sutis. Surge então o olhar mútuo: olhar e ser olhado. Esta é a nova conexão atencional, que é cognitiva, na medida em que depende de uma habilidade específica: o bebê cartógrafo já adquiriu controle sobre seu olhar, definindo onde vai pousar sua atenção e a duração da exploração do que é observado. Mas é também, e de modo indissociável, uma

experiência afetiva, no sentido em que o olhar mútuo de rostos responsivos cria condições para a atenção conjunta, fundada em trocas não verbais. O olhar mútuo é uma experiência de sentir os afetos de outra pessoa, caracterizando uma situação de envolvimento recíproco. A atenção conjunta é marcada então por modulações rítmicas e um amplo espectro de variações afetivas que vão do choro ao sorriso.

Com nuances e extremos, a complexa conexão mãe-bebê tem um fim em si mesma. Não se trata de algo secundário e apenas de preliminares para uma ação intencional, funcional e finalizada que virá em seguida. O único objetivo é viver a própria experiência, com seu princípio de reciprocidade e sua potência de contágio. Mãe e bebê brincam numa coreografia cheia de variações e nuances. Tocam e são tocados por “correntes invisíveis”. Os altos e baixos têm indícios sutis: mudanças na respiração, na acuidade do foco, pequenos movimentos dos olhos e da boca. Trata-se de uma dinâmica afetiva que é dotada, de modo indissociável, de uma inclinação cognitiva de ambas as partes. O olhar mútuo é simultaneamente troca afetiva e processo de conhecimento.

Aquém das palavras e imagens, existem pequenos eventos, da ordem de segundos, que são importantes no processo de atenção conjunta. A maneira como se desenvolve um sorriso no rosto, o modo de mudar de posição numa cadeira, um elevar de sobrancelhas ou o desvio de um olhar são exemplos de tais movimentos. Eles são descritos como eventos de pequena escala e Stern (2010) afirma que é nessa pequena escala que vivemos, pois ela constitui a base de nossa experiência dos outros e a percepção de sua vitalidade. Podemos dizer que tais eventos não são apenas pequenos em tamanho, mas micro, no sentido em que Deleuze e Guattari (1995) falam de movimentos micropolíticos que produzem subjetividade. Como ocorre na relação mãe-bebê, a tarefa do cartógrafo é percebê-los.

Mãe e bebê se reúnem nesta tarefa: se encontram, se conhecem e partilham conhecimentos por meio da atenção cartográfica. Para Stern tais fenômenos estão presentes desde a respiração até gestos de maior amplitude. Todos os gestos, mentais e físicos, possuem um contorno temporal. Intensidade e duração desenham curvas com suas microvariações – surgir, evanescer, acelerar, chegar ao ponto culminante, entristecer, adormecer, despertar da consciência.

Cabe notar que a dinâmica da dança mãe-bebê não consiste num jogo de mímica, ou num mimetismo de formas, mas num jogo de alternâncias e variações de intensidades, onde o sorriso emanado por cada um é tanto causa quanto resultado do sorriso do outro. Com o conceito de sintonia afetiva Stern (1985/1992) procura dar conta do fato que mãe e bebê experimentam padrões de alternância e revezamento, incluindo momentos de iniciação conjunta e de variação mútua. Não são experiências de projeção e de identificação, tampouco um jogo de espelhos. Jogos de sintonia afetiva são efetivamente práticas de improvisação. A sintonia afetiva ocorre pela conexão de afetos de vitalidade, percebendo no comportamento suas forças dinâmicas e seus aspectos e estilísticos.

É importante destacar que não há uma equivalência exata entre os estados afetivos de um e de outro em uma situação de sintonia afetiva. Segundo Stern (1992/1985), o bebê reconhece desde cedo que alguns estados subjetivos são compartilháveis e outros não. Portanto, o esforço de sintonia afetiva se dá entre dois polos extremos: o isolamento psíquico e a transparência psíquica. A sintonia afetiva se dá pelo meio, comportando práticas de improvisação, quebras, tensões, colapsos, surpresas e assimetrias, convocando um esforço de sintonia que não está jamais garantido. A atenção e o engajamento se modificam, na medida em que os acontecimentos se produzem. Em resumo, a sintonia afetiva está longe de ser um estado de equilíbrio estável, e este é um dos pontos que confere o caráter inventivo da atenção conjunta.

A COGNIÇÃO NO PLANO DOS AFETOS E AS DERIVAS DA ATENÇÃO CARTOGRÁFICA

Procuramos mostrar que a obra de Stern traz uma nova abordagem e dá um novo alcance ao fenômeno da atenção conjunta. Um dos pontos importantes de sua contribuição é evidenciar a necessidade de superação da dicotomia cognição-afeto. Ao descrever o bebê ao final do seu primeiro ano de vida como um “perito no domínio da troca de afeto” (1985/1992, p.118) Stern confere um novo *status* à experiência afetiva. O afeto não é um mero colorido da experiência ou um complemento da cognição. É algo aprendido desde os primeiros dias de vida e constitui um modo bastante precoce de conhecer o mundo e a si mesmo. Por ser precoce, não é menos importante ou algo

a ser superado por outros modos de conhecer adquiridos posteriormente, como é o caso do conhecimento intelectual.

Ao enfatizar o caráter afetivo da atenção conjunta, Stern aponta que antes de ser apenas precursora da linguagem verbal (BRUNER, 1975, 1981) ou uma chave para compreender pessoas como agentes intencionais (TOMASELLO, 1995/2014), a atenção conjunta é, antes de tudo, um modo de conhecer e estar junto com outra pessoa, que é indissociavelmente cognitivo e afetivo. Tal modo de conhecer passa por um longo processo de aprendizagem. O aprendizado não é espontâneo nem garantido, mas requer esforço e engajamento. Por um lado, a atenção aos micromovimentos corporais e mentais, físicos e intensivos, bem como o esforço de sintonia afetiva resultam num conhecimento implícito. No sentido proposto por Stern, o conhecimento implícito é aquele não-simbólico, não-verbal, procedural e não-consciente. É distinto do conhecimento explícito, que é simbólico, verbalizável, declarativo, capaz de ser narrado e reflexivamente consciente. Conhecimento implícito e explícito não são dois sistemas de conhecimento e memória paralelos, separados e independentes. O implícito não é mais primitivo, que teria como destino ser substituído e superado pelo explícito, mas ambos têm importância e coexistem ao longo da vida. O conhecimento implícito está ligado ao domínio procedural, mas também aos afetos, à vitalidade e aos estilos do pensamento. Ele diz respeito a “tudo aquilo que pode ocorrer durante os poucos segundos de um momento presente” (STERN, 2007, p.137). Podemos dizer que se trata de conhecimento corporificado ou de cognição incorporada. A atenção cartográfica do bebê, assim como a do pesquisador adulto, seria um conhecimento desta natureza – cognitivo sem ser mental, procedural sem ser reflexivo, afetivo sem ser verbalizado.

Tal atitude cognitiva e este conhecimento próximo dos afetos pode permanecer na vida adulta. Todavia, podem ocorrer capturas e derivas. Nada garante sua permanência nos modos de conhecer. Stern (1985/1992, 1990/1991) reconhece que o próprio surgimento da linguagem, a parte as imensas vantagens de comunicação e socialização que traz consigo, pode levar a uma separação entre o que é falado e o que é sentido.

O afastamento do plano dos afetos pode configurar uma política cognitiva, que é um certo modo de relação com o mundo, com o conhecimento e consigo mesmo

(KASTRUP; TEDESCO; PASSOS, 2008). Enquanto uma política da cognição, o mentalismo intelectualista se define pela tendência ao distanciamento e mesmo à desconexão com o plano coletivo de forças e afetos. A cognição pode se tornar uma atividade meramente intelectual, uma linguagem mental e um processamento de informações por regras lógicas, tal como descreve o cognitivismo computacional. O mentalismo individualista pode se atualizar e se instalar em nós, configurando também um modo de pesquisar e produzir conhecimento. Por sua vez, o método cartográfico segue uma direção inversa.

No presente texto buscamos ampliar a discussão sobre o funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. Procuramos mostrar que o mentalismo individualista e as dicotomias sujeito-objeto e sujeito-sujeito que estão presentes nas abordagens tradicionais da relação mãe-bebê, compõem também em diversas metodologias de pesquisa que pressupõem a dicotomia pesquisador-campo. Numa outra direção, procuramos mostrar que a atenção conjunta pautada no plano dos afetos ajuda a entender a complexa conexão que caracteriza tanto a relação mãe-bebê quanto o corpo a corpo do cartógrafo com seu território de pesquisa. O desafio de uma política cognitiva cartográfica é produzir conhecimento sem se distanciar do plano dos afetos, evitando o intelectualismo que ronda as metodologias de pesquisa. Evitar o intelectualismo não significa conjurar a inteligência. Como lembra Deleuze (1987), a inteligência participa e tem seu papel no conhecimento e na aprendizagem, mas ela vem sempre depois dos afetos, que nos forçam a pensar com o corpo e a problematizar o que parecia passível de reconhecimento.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, F. S. B.; SALOMÃO, N. M. R. Contribuições da habilidade de atenção conjunta para a cognição social infantil. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 2, p. 233-241, abr./jun. 2009.
- BRAZÃO, J. C. C. e RAUTER, C. (2014) Sintonia afetiva e intersubjetividade na obra de Daniel Stern. **Ayvu: Revista de Psicologia**, Volta Redonda, v.1, n.1,p. 3-21, 2014.
- BRUNER, J.S. The ontogenesis of speech acts. **Journal of Child Language**, v. 2, n. 1,p. 1-19, 1975.
- BRUNER, J.S. The social context of language acquisition. **Language & Communication**, v. 1, n. 2-3, p. 155-178, 1981.
- CITTON, Y. **Pour une écologie de l'attention**. Paris: Seuil, 2014.
- DE JAEGHER, H.; DI PAOLO, E. Participatory sense-making: an enactive approach to social cognition. **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, v.6, n.4, p. 485-507, Oct.2007.
- DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.
- DUNHAM, P. J.; MOORE, C. Current Themes in Research on Joint Attention. In: MOORE, C.; DUNHAM, P. J. (eds.) **Joint Attention: Its Origins and Role in Development**. (1995). New York: Psychology Press, 2014, p.15-28.
- ESCÓSSIA, L.; TEDESCO, S. H. O coletivo de forças como plano da experiência cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.92-108.
- FROESE, T. Sense-making with a little help from my friends: introducing Ezequiel Di Paolo and Hanne De Jaegher. **AVANT**, v.3, n.2, p.143-146, dec. 2012.
- GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.32-51.
- KASTRUP, V; TEDESCO, S.; PASSOS, E. **Políticas da cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 15-41.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PEIXOTO JUNIOR., C. A.; ARAN, M. O lugar da experiência afetiva na gênese dos processos de subjetivação. **Psicologia USP**, São Paulo, v.22, n.4, p.725-745, 2011.

PETITMENGIN, C. Towards the source of thoughts. The gestural and transmodal dimension of lived experience. **Journal of Consciousness Studies**, v.14, n.3, p.54-82, 2007.

ROLNIK, S. **Cartografias do desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SADE, C.; FERRAZ, G.C.; ROCHA, J.M. O *ethos* da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014, p.66-91.

SCAIFE, M; BRUNER, J.S. The capacity for joint visual attention in the infant. **Nature**, Vol. 253, n. 5489, p.265-266, jan. 1975.

SIMONDON, G. **L'individu et sa genèse physico-biologique**. Paris: PUF, 1964

SIMONDON, G. **L'individuation psychique et collective**. Paris: Aubier, 2007.

SILVA, R. de M. da S.; RODRIGUES, M.C.; SILVEIRA, F.F. Teoria da Mente e Desenvolvimento na Infância. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v.6, n.02, 151-159, Jul.-Dez 2012.

STERN, D.N. **Diário de um bebê: o que seu filho vê, sente e vivencia** (1990). Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

STERN, D.N. **O momento presente na psicoterapia e na vida cotidiana** (2004). Rio de Janeiro: Record, 2007.

STERN, D.N. **O mundo interpessoal do bebê: uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento** (1985). Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

STERN, D.N. **Les formes de vitalité: psychologie, arts, psychotherapie et développement de l'enfant**. Paris: Odile Jacob, 2010.

TOMASELLO, M. Joint Attention as Social Cognition. In: MOORE, C.; DUNHAM, P. J. (eds.) **Joint Attention: Its Origins and Role in Development**. (1995). New York: Psychology Press, 2014, p.103-130.

TOMASELLO, M. et al. Understanding and sharing intentions: The origins of cultural cognition. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 28, n. 5, p. 675-735, 2005.

VARELA, F. **Autonomie et connaissance**. Paris: Seuil, 1989.

VARELA, F.J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A mente incorporada**. Porto Alegre: Artmed, 2003.